

## Um projeto de 1961 do arquiteto Delfim Amorim

CAMPELLO, Glauco. Um projeto de 1961 do arquiteto Delfim Amorim. Revista Documentação Brasil, Rio de Janeiro, n. 3, p. 42-48, dez. 2018

data de submissão: 20/09/2018

data de aceite: 20/10/2018

*A 1961 project by the architect Delfim Amorim*

*Un proyecto de 1961 del arquitecto Delfim Amorim*

### Glauco de Oliveira CAMPELLO

Arquiteto e urbanista, professor titular (anistiado) da Universidade de Brasília e titular de Glauco Campello Arquitetos; glaucocampello@gmail.com

#### Resumo

O projeto de um pavilhão para a Faculdade de Arquitetura, em Recife, foi produzido no ambiente de estudos e discussões da equipe que sob o comando de seu titular, o professor Delfim Amorim, compunha a Cadeira de Pequenas Composições. Consta, muito singelamente, de um pavilhão para abrigar salas de aula, como parte de um esforço para ampliação da Faculdade de Arquitetura, instalada provisoriamente em antiga casa de residência na Av. Conde da Boa Vista. Ao descrever o projeto procurei situá-lo no quadro das obras de Amorim realizadas no Recife, onde ele se tornou um dos grandes nomes da arquitetura do modernismo brasileiro no Nordeste, e, como é fácil perceber, seu papel nesse contexto, já nos anos 50 e 60 do século passado, podia ser comparado ao de Luiz Nunes, na década de 30, por terem utilizado no ambiente nordestino os princípios da arquitetura moderna do século XX, em sua matriz europeia, corbusiana, e, nessa cidade, terem os dois buscado a sua contextualização, quase refundando esses princípios em termos locais inconfundíveis. Busquei compreender por quê esse arquiteto nascido em Portugal e vindo para cá, trazendo na bagagem uma cultura humanista de corte europeu, integrou-se completamente ao movimento da nossa arquitetura.

**Palavras-chave:** Delfim Amorim; Arquitetura Moderna; Faculdade de Arquitetura.

#### Abstract

*The design of a pavilion for the Faculty of Architecture in Recife was developed in the context of studies and discussions amongst Small Compositions Course team members under the coordination of Professor Delfim Amorim. It consisted, very simply, of a pavilion to house classrooms, as part of an effort to expand the Faculty of Architecture, provisionally installed in a former residence. In describing the design proposal, I tried to situate it in the framework of*

*Amorim's works in Recife, where he became one of the key-figures of the modern architecture in the Northeast Brazil, and to highlight his role in that context, in the 1950's and 1960s; which could be compared to the one carried out by Luiz Nunes, in the 1930's, for having used the twentieth century modern architecture principles, in its European matrix - Corbusian, in the north-eastern environment, and, in that city, in particular, almost re-founding these principles in unmistakable local terms. I sought to understand why this architect born in Portugal, bringing in the baggage a European humanist culture, was fully integrated with the movement of our architecture.*

**Keywords:** Delfim Amorim; Modern Architecture; School of Architecture.

#### Resumen

*El proyecto de un pabellón para la Facultad de Arquitectura, en la ciudad de Recife, fue producido en el ambiente de estudios y discusiones del equipo que bajo el mando de su titular, el profesor Delfim Amorim, que componía la Catedra de Pequenas Composições. Constaba, muy sencillamente, de un pabellón para albergar aulas, como parte de un esfuerzo de ampliar la Facultad de Arquitectura, instalada provisionalmente en antigua vivienda en la avenida Conde da Boa Vista. Al describir el proyecto intenté situarlo en el marco de las obras de Amorim realizadas en Recife, donde él se convirtió en uno de los grandes nombres de la arquitectura del modernismo brasileño en la región Noreste, y, como es fácil percibir, su papel en ese contexto, ya en los años 50 y 60 del siglo pasado, podría ser comparado al que tuvo Luiz Nunes, en la década de 1930, cuando utilizó los principios de la arquitectura moderna del siglo XX, en su matriz europea, corbusiana, y, en esa ciudad, tener los dos buscado su contextualización, replanteando esos principios en términos locales inconfundibles. Traté de entender las motivaciones de este arquitecto nacido en Portugal que vino hacia acá enbebido de cultura humanista de corte europeo, se integró por completo al movimiento de nuestra arquitectura.*

**Palabras-clave:** Delfim Amorim, Arquitectura Moderna; Escuela de Arquitectura.

#### Introdução

O projeto para a ampliação da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Recife (FA-UR), atual Universidade Federal de Pernambuco – que em 1961 ocupava uma antiga residência na Avenida Conde da Boa Vista – teria de ser uma construção econômica e de rápida execução, pois a Faculdade se acomodara mal na casa existente e nos acréscimos improvisados e dispersos em terreno longo e estreito. Disponha-se dos poucos recursos de sempre, e haveria de se esperar um bom tempo até a transferência, em caráter definitivo, para a Cidade Universitária.

Com o seu habitual senso de realidade, Delfim Amorim atendeu rigorosamente tais requisitos e limita-

ções, e propôs, no caso, uma construção singela e fácil de executar em pouco tempo, mas significativa em sua expressão arquitetônica, a ponto de se poder apresentá-la como exemplo aos estudantes. No entanto, a sua proposta nunca saiu do papel.

Na década de 60, que então se iniciava, o arquiteto alcançava o alto nível de sua produção arquitetônica e o pleno desenvolvimento de sua contribuição ao ensino da arquitetura. São dos primeiros anos dessa década os seus projetos primorosos para a Residência de Serafim Amorim, o Edifício Araguaia e o extraordinário Seminário Regional do Nordeste, em Camaragibe, cuja obra, entretanto, não chegou a ser concluída. E também são dessa época seus escritos e palestras sobre a prática e os programas para o ensino e treinamento de futuros arquitetos.

Eu tive a honra de poder, ainda jovem, participar modestamente no estudo desse projeto de ampliação para a Faculdade de Arquitetura, em seu endereço temporário, na Avenida Conde de Boa Vista. Havia me desligado da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), em Brasília, onde acompanhara a realização das primeiras obras da Capital, como membro da equipe de Oscar Niemeyer, e tinha assumido cargo de auxiliar de ensino na Faculdade de Arquitetura da UR, a convite do diretor Evaldo Coutinho e, justamente, na disciplina de Composição, ministrada por Delfim Amorim, que fora meu mestre no tempo em que iniciei meus estudos no curso de arquitetura na Escola de Belas Artes de Pernambuco<sup>1</sup>. Foi na condição, de seu auxiliar de ensino, em 1961, que me juntei à sua equipe na cadeira de Pequenas Composições, onde o projeto do pavilhão foi elaborado. A equipe se completava com os estagiários Ricardo Pontual, Armando de Holanda e Jaime Rubiño, que vieram depois a ter papel de destaque como arquitetos. Quanto a mim, eu só fiquei no Recife, naquela ocasião, até os fins de 1962, quando voltei para novamente integrar-me à equipe de Niemeyer na Universidade de Brasília.

O projeto de Amorim para o pavilhão constava basicamente de um longo bloco de dois pavimentos com 9,00m de largura por 66,50m de comprimento, estendido na parte posterior do terreno, no segmento da construção existente, em substituição aos acréscimos surgidos com a necessidade de mais área para o funcionamento da faculdade. Para melhor aproveitamento do terreno e redução dos custos o pavilhão sobrepunha-se ao trecho posterior da casa, que constava de um apêndice mais baixo e estreito, para abrigar os sanitários, que desse modo se encaixariam no espaço dos pilotis da nova construção.

Assim, organizar-se-ia melhor a ocupação do terreno muito longo, mas de pouca largura, dando lugar ao aparecimento de área ajardinada na faixa de recuo ao longo das divisas.

A construção proposta era rigorosamente disciplinada e formada por módulos construtivos, repetidos ao longo da maior extensão do bloco de dois pavimentos. O térreo, praticamente livre e propício ao convívio dos usuários. O andar superior, com planta simétrica e adequada às suas funções. A escada de acesso, no eixo transversal do pavilhão, facilitava essa distribuição simétrica do pavimento elevado: para um lado a sala de pranchetas e duas salas de aula, para o outro repetia-se o local das pranchetas e mais duas salas para atividades complementares e centros de estudo. A circulação corria em toda a extensão do bloco, do lado do sol, protegida por uma parede de cobogós que garantia a ventilação cruzada no andar superior. Não se previam paredes entre a circulação e as salas, mas simplesmente filas não muito altas de armários. Os trabalhos haviam de ser em grupo e as salas, ainda que destinadas a várias atividades e a alunos de níveis diferentes, estariam abertas a uma ampla intercomunicação e troca de ideias. No térreo, o espaço dos pilotis criava uma zona sombreada para o convívio entre alunos e entre alunos e professores, além de acomodar o apêndice dos sanitários existentes, o diretório acadêmico e uma lanchonete. Estariam postas assim, em escala experimental, as condições espaciais de indução ao comportamento gregário e de permuta de experiências, que o próprio Amorim viria desenvolver depois, em 1970, no seu projeto mais amplo e complexo para a Faculdade de Arquitetura, na Cidade Universitária. Vi depois, em escala maior, e num contexto diferente, espaços assim gregários, propícios à deambulação e ao convívio, criados por Niemeyer e Lelé (João Filgueiras Lima), na construção pré-moldada do Centro de Planejamento (Ceplan) da Universidade de Brasília.

O comprido pavilhão projetado por Amorim era de tal modo padronizado, com a repetição de um mesmo módulo construtivo, que poderia vir a ser executado com elementos pré-moldados. Mas, nas condições locais de recursos e mão de obra, o mais natural é que viesse a ser construído pelo método tradicional, com a vantagem da repetição das mesmas fôrmas e ferragens para pilares e vigas ao longo de seus 66,50 m.

O módulo básico compreendia quatro pilares de concreto de secção em cruz, as vigas transversais e longitudinais de secções idênticas (15cm de largura x 60cm de altura) e a laje de piso de 9m x 3,5m que amarrava o conjunto. Esse módulo repetia-se 19 vezes e formava o longo tabuleiro sobre o qual viriam atados e assentados os elementos metálicos do arcabouço do andar superior.

Sobre o tabuleiro de concreto a construção seria, portanto, um arcabouço em estrutura metálica, com fechamentos de alvenaria à vista nas empenas, cobogó na fachada ensolarada da circulação, esquadrias em vidro e caixilhos de ferro para pintura do

lado do nascente, e divisórias em painéis de Duratex corrugado. Os montantes metálicos para sustentação da cobertura seriam presos aos topos das vigas transversais, ficando sobrepostos e à vista num refinado detalhe construtivo. (Essa combinação de concreto e perfis de aço nas construções de Amorim já vinha sendo experimentada e ganharia realce ainda mais requintado nos seus projetos dos anos 60. Como na casa Serafim Amorim, com os quatro pilares metálicos de apoio ao grande avanço da laje de cobertura).

No pavilhão, o fechamento da longa fachada posterior, seria, como já vimos, em cobogó, o mesmo cobogó tão simbolicamente ligado à arquitetura modernista do Recife, desde que Luiz Nunes os havia utilizado em suas encantadoras construções dos anos 1930. Já o fechamento da fachada frontal, igualmente longa, compor-se-ia de uma esquadria de ferro e vidro, com módulos quadrados, tão ao gosto de Amorim, que as utilizara em seu projeto para algumas residências e para o Edifício Araguaia, de 1961. Sendo aqui, nessa nova versão, concebida com simplicidade quase rústica.

O telhado que arrematava o arcabouço do andar superior seria uma construção racional e contemporânea, formada, coerentemente, por uma estrutura de treliças de ferro recoberta com telhas metálicas, recurvadas, para acompanhar o desnível propositalmente preparado com as terças assentadas sobre calços de alturas diferentes e conduzir o caimento das águas para as duas calhas junto às fachadas mais longas. Finalmente as águas recolhidas nas calhas seriam escoadas por simples buzinetes, com distâncias bem próximas entre eles, de modo a evitar os tubos de descida das águas pluviais. Sob a estrutura do telhado prendiam-se caibros de madeira para a fixação do forro de régua de pinho.

Tudo havia de ser coerente e resolvido com elegância e precisão, nesse pavilhão de construção econômica e rápida.

Nele, o concreto armado da laje, vigas e pilares do tabuleiro que formava o piso do andar superior, os montantes metálicos presos às cabeças das vigas transversais de concreto e sobrepostos às esquadrias e à parede de cobogó, assim como as paredes de tijolos à vista das fachadas de topo do andar superior, e as meias paredes, com os mesmos tijolos à vista, no pavimento térreo, ou a longa fachada de cobogó que protegia a circulação e, por fim, as esquadrias de vidro com quadros em cantoneiras de ferro, das salas do pavimento superior, tudo isso caracterizaria, inevitavelmente, uma construção de estilo brutalista, exibindo a cru os materiais e o sistema construtivo. Por outro lado, o rigor do desenho estritamente ortogonal, bem como a precisão dos detalhes, que se exibiam em sua lógica verdadeira, e, além disso, a distribuição rigorosa do programa

e sua funcionalidade explícita dariam ao pavilhão a conotação de uma edificação racionalista, de rigor clássico. E, todavia, o pavilhão seria, basicamente, uma construção contemporânea, singela e pouco onerosa, concebida com inteligência e arte, com intenção de ser compreendida, em sua concepção e nas suas circunstâncias, pelos futuros arquitetos que viriam utilizá-la e experimentá-la.

Tais valores são mais ou menos generalizados no conjunto de obras deixado por Delfim Amorim no Recife. Eles são a base da expressão poética de sua arquitetura nascida em Portugal, sob a influência da corrente europeia de influência corbusiana, alimentada e amadurecida no nordeste brasileiro.

O pavilhão para a Faculdade de Arquitetura, em Recife, ainda que se trate de projeto muito simples, quase circunstancial, que nem chegou a ser executado, foi, como já vimos, produzido no ambiente de estudos e discussões da equipe que, sob o comando de seu titular, compunha a cadeira de Pequenas Composições do curso. Foi então tema daqueles estudos e discussões, embora constasse, muito singelamente, de um pavilhão para abrigar salas de desenho e salas de aula, em caráter provisório. E, assim mesmo, esse pavilhão poderia ser legitimamente situado no quadro das obras de Amorim realizadas no Recife, onde ele se tornou um dos nomes da arquitetura do modernismo brasileiro, e, como é fácil perceber, seu papel nesse contexto, já nos anos 50 e 60 do século passado, podia ser comparado ao de Luiz Nunes, na década de 30, por terem ambos utilizado no ambiente nordestino os princípios da arquitetura do movimento modernista do século XX, em sua matriz europeia, corbusiana, e, nessa cidade, terem buscado os dois, a sua contextualização, quase refundando esses princípios em termos locais. Mas, sobretudo, por terem apresentado nesse processo de aclimação arquiteturas inconfundíveis, em decorrência de temperamentos diferentes, que muitas vezes se aproximavam – tal é o mistério da arte e da vida (como diria o próprio Amorim) –, sendo essa mesma diferença um traço enriquecedor dos dois episódios. Pois, sendo Luiz Nunes um brasileiro vindo do Rio de Janeiro, que se havia assenhoreado dos conceitos da moderna arquitetura, nos textos e exemplos de Le Corbusier, chegando ao Recife na década de 30, para trabalhar no Departamento de Obras do Estado, criou edifícios públicos significativos, nos quais buscava a adaptação de materiais e sistemas construtivos que bem se explicitassem em soluções técnicas e funcionais adequadas às condições ambientais e a partir de mão de obra vinculada à terra e ao meio, sem afastar-se da vertente proposta pelo mestre francês. Ao passo que, tendo Delfim Amorim nascido em Portugal, estudado e trabalhado no Porto, propunha, desde seus primeiros passos na vida profissional, obras ligadas à linhagem arquitetônica contemporânea e ainda

não muito corrente em Portugal, ao tempo em que desenvolvia um saber e uma cultura humanista intensa, de matriz europeia. E, vindo para o Recife na década de 50, aqui chegando começou a desenvolver em suas primeiras obras brasileiras uma arquitetura integrada ao meio natural da cidade litorânea e tropical, com tal sensibilidade e adequação que suas casas e construções eram como a expressão da vida local naquelas áreas sombreadas por árvores e alegradas por jardins, ainda que à volta se estendessem por mangues e alagados, lugares pobres e desprovidos da infraestrutura urbana.

Por isso, aliás, a arquitetura desenvolvida por Amorim na cidade do Recife não se limitou às casas dos bairros elegantes, mas acudiu também aos conjuntos habitacionais para operários, edifícios de apartamentos mais simples, atividades comerciais e religiosas. Sua estratégia para o desenvolvimento dessas obras, que apresentam uma fisionomia sempre ligada ao contexto cultural e ambiental, apesar da variedade, estava baseada em inegável realismo, numa forte unidade visual e plástica, no uso de materiais adequados e soluções inventivas e simples, mas eficazes para a superação das dificuldades no controle da luz e do calor no meio tropical. São dos primeiros anos de sua atuação na região nordestina os achados dos peitoris vazados para facilitar a ventilação cruzada nos ambientes (detalhe presente no caso do pavilhão), das telhas curvas de barro assentadas diretamente sobre as lajes pouco inclinadas de concreto para a proteção térmica dos espaços internos, dos grandes beirais, das varandas sombreadas e dos pátios internos protegidos com pérgolas. E mais o uso dos azulejos, das venezianas e das treliças.

E nesse ponto teríamos de aludir à presença de Acácio Gil Borsoi, que foi por sua vez precedido por Mario Russo, os quais trouxeram para o ambiente universitário e profissional do Nordeste uma experiência semelhante.

O arquiteto italiano Mario Russo chegou ao Recife no início de 1949, convidado para assumir o projeto arquitetônico da Cidade Universitária da Universidade do Recife. Ele divulgou e promoveu no ambiente acadêmico e profissional da cidade o racionalismo italiano ligado aos conceitos desenvolvidos por Terragni em suas obras para Como e Milão. Mario Russo vinha de Nápoles, sua cidade natal, mas ao chegar ao Recife soube como os demais adaptar os seus projetos às condições do lugar e, como professor do curso de arquitetura da Escola de Belas Artes, estabeleceu um largo ciclo de influências na formação de novos arquitetos.

O arquiteto Acácio Gil Borsoi, chegado ao Recife a seguir, mas um pouco antes de Amorim, também assumiu, por sua vez, na mesma Escola de Belas Artes, o encargo da cadeira de Pequenas Composições.

Ele acolheu o próprio Amorim como colaborador, em seus primeiros dias no Recife, e esse convívio teve certamente importância no posterior desenvolvimento de seus respectivos trabalhos.

Luiz Nunes, o arquiteto que realizara a sua obra pioneira nos anos 30, visava, com sua arquitetura, uma estética abstrata, ligada ao desenho modernista; Amorim, mais sensitivo, promovia as adaptações de uso dos materiais e da mão de obra segundo uma concepção racional da construção, mas adstrita à tradição luso-brasileira.

Tanto Borsoi quanto Amorim mantiveram contato com a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional por meio de seu diretor, o professor de História da Arquitetura Brasileira Ayrton Carvalho, que se tornou amigo de ambos, e deles solicitava pareceres sobre questões relacionadas com o restauro e tombamento das construções históricas no Nordeste. Sobretudo a Amorim, que por sua formação em Portugal dispunha de largo conhecimento nessa área.

Mas enquanto Amorim era realista e pragmático, portador de uma cultura humanista de cunho europeu formada em Portugal, Borsoi era, sobretudo, voltado para a valorização plástica de suas criações arquitetônicas, com cuidados especiais em relação aos materiais de construção e aos detalhes, como no caso da parede barroca de elementos pré-moldados para proteção contra o sol no Edifício Santo Antônio. A sua visão de arquiteto filiava-se às propostas nativistas da arquitetura modernista, à escola carioca e aos ensinamentos de Lucio Costa. Pelo menos na fase inicial de sua produção.

Na arquitetura desenvolvida por Amorim após sua chegada ao Recife, ressaltava o senso de realidade, como dissemos, o seu amplo conhecimento da arquitetura que se realizava no Brasil e sua inserção completa, quase orgânica, no contexto cultural e natural. E exprimia, com vigor, soluções construtivas, arranjos de distribuição dos espaços e funções, como na escolha de materiais e no detalhamento lógico e sóbrio, na mão de obra e modo de executar sempre ligados à terra e ao homem da terra.

—

Na ocasião em que se estudava o projeto do pavilhão para ampliação improvisada da Faculdade de Arquitetura do Recife, à volta dos anos 60 do século passado, a obra de Amorim no nordeste brasileiro já se havia desenvolvido com características próprias e havia se consolidado. Listo a seguir os exemplos mais significativos, a meu ver, dessa arquitetura racional ligada à tradição luso-brasileira. A Residência Alfredo Lajes, de 1954, no bairro de Casa Amarela, ainda com os tetos planos, mas com o pátio interno protegido com pérgola. O Edifício Acaiaça, de 1958, no bairro de Boa Viagem, de forma simples e

elegante, com sua fachada mais longa voltada para o mar e suas paredes externas revestidas de azulejos. A residência Serafim Amorim, de 1960, no bairro da Torre, exemplo primoroso de distribuição da planta em níveis alternados, do uso dos montantes em aço para sustentação do avanço da cobertura, do jogo de vidro e veneziana das esquadrias, além do uso pioneiro da laje pouco inclinada recoberta diretamente com telhas canais. O Edifício Araguaia, de 1961, magnificamente resolvido com planta simples e inteligente, esquadrias de vidro e veneziana compostas de quadrados iguais, iluminação e ventilação natural das cozinhas e banheiros através de rasgos horizontais protegidos sem utilização de esquadrias, e o revestimento das paredes externas em azulejo: síntese apurada de simplicidade e bom gosto. A residência Vale Junior, de 1963, no bairro do Parnamirim, que é quase o coroamento dessa arquitetura pernambucana de Amorim, um exemplo de novo tipo de moradia, criada por um arquiteto vindo de Portugal, ambientada em exuberante quintal pernambucano. E ainda se podem citar exemplos mais avançados, no tempo e na concepção, como o Edifício Barão do Rio Branco, de 1969, no bairro da Boa Vista, com volumes que avançam além da malha da estrutura padronizada, com caixas revestidas de azulejos, e que assinalava a passagem da arquitetura de Amorim para uma nova fase, em que os volumes de casas e edifícios de apartamentos abandonam a forma mais contida de antes, explodem ou se subdividem em blocos menores sem, contudo, perder as características de unidade e coesão.

Vale registrar aqui o fato de que Amorim, com seu temperamento amistoso e sua visão da condição humana ampla e diferenciada, desenvolveu parcerias, muitas vezes de longa duração, com seus colegas e mesmo com seus alunos, sendo esta uma característica que não se pode deixar à parte, ao examinar o conjunto de sua obra. Pois em sua concepção da produção arquitetônica ele valorizava o trabalho em equipe.

E, sem embargo da expressiva unidade de suas criações, pode ser percebida essa e aquela diferença sutil, em alguns períodos de sua produção. Assim, por exemplo, me parece que sua parceria mais longa com Heitor Maia Neto, que fora um dos discípulos diretos de Mário Russo, tenha algo a ver com essa passagem, para uma nova forma onde aflora com mais força o estilo brutalista, de cunho racional, sobretudo nos exemplos das construções comerciais, onde se enfatiza a presença da estrutura independente.

Ancoradas e amoldadas ao meio ambiente e cultural, o conjunto de obras projetadas por Amorim, no Recife, não se afasta de sua condição de produtos da arte, nem dos critérios fundados na arquitetura modernista do século passado.

E essa assertiva não perderá o foco se aplicada ao projeto singelo, e de certo modo, didático, do pavilhão para a Faculdade de Arquitetura, que está levemente inserido no âmbito desse conjunto. Por





Figura 1 e 2 | Vista leste; Figura 3 | Vista pilotis; Figura 4 | Vista oeste; Figura 5 | Vista interior  
 Fonte: Jorge Luis Guarino Cardozo

suas soluções construtivas, nos arranjos de distribuição dos espaços e funções, na escolha de materiais, na concepção arquitetônica e em suas características específicas e autorais, a partir das quais se dá sentido a cada decisão aplicada ao projeto. Sabendo-se que os critérios adotados e preferidos para as obras do mesmo período refletem-se aí, obviamente, com mais evidência.

No entanto o caso específico do pavilhão seria até justificadamente menos ligado à linha corrente de sua produção, mais próximo talvez à decisão, improvisada, de 1959, de recobrir a fachada eclética, já danificada, do edifício Luciano Costa, situado no Recife antigo, com pano de elementos vazados de cerâmica. Estando aqui, no caso do pavilhão, o processo construtivo mais bem justificado, e até mais atinente à concepção realista de Amorim, integrada sem conflito à sua visão humanista e política da arte e da vida. Pois no caso do pavilhão aplica-se sem empecilho o seu conceito de *Função, Estrutura e Forma*, como bases para a criação da obra de arte, derivado da visão de Henri Lefèvre, salientada por Amorim em seus textos didáticos.

Assim, posto que o universo de qualquer artista, artesão ou pensador está presente em qualquer detalhe de sua obra, podemos compreender, a partir do

exame de um projeto arquitetônico para atender necessidades imediatas e estritas, ao lado de suas produções mais importantes, de natureza mais complexa, porque esse arquiteto vindo do norte de Portugal como os mestres de obra do período da colonização e da fase de criação de uma arquitetura nitidamente brasileira, ligada ao barroco e ao rococó, porque esse arquiteto originário de Póvoa do Varzim, como Eça de Queiroz, e trazendo na bagagem uma cultura humanista de corte europeu, e uma experiência arquitetônica ligada ao modernismo de matriz corbusiana, aqui chegando integrou-se completamente ao movimento da nossa arquitetura, tornando-se um arquiteto brasileiro, isto é, pernambucano, melhor ainda, recifense, pois como recifense construiu casas extraordinárias, profundamente ligadas à terra, aos hábitos da terra, aos quintais sombreados de nossa paisagem tropical, entre mangueiras e cajueiros: *as casas de Amorim*, como se ouve dizer, entre os que moram no Recife.

### Notas

<sup>1</sup> A Faculdade de Arquitetura teve sua origem no Curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes de Pernambuco.

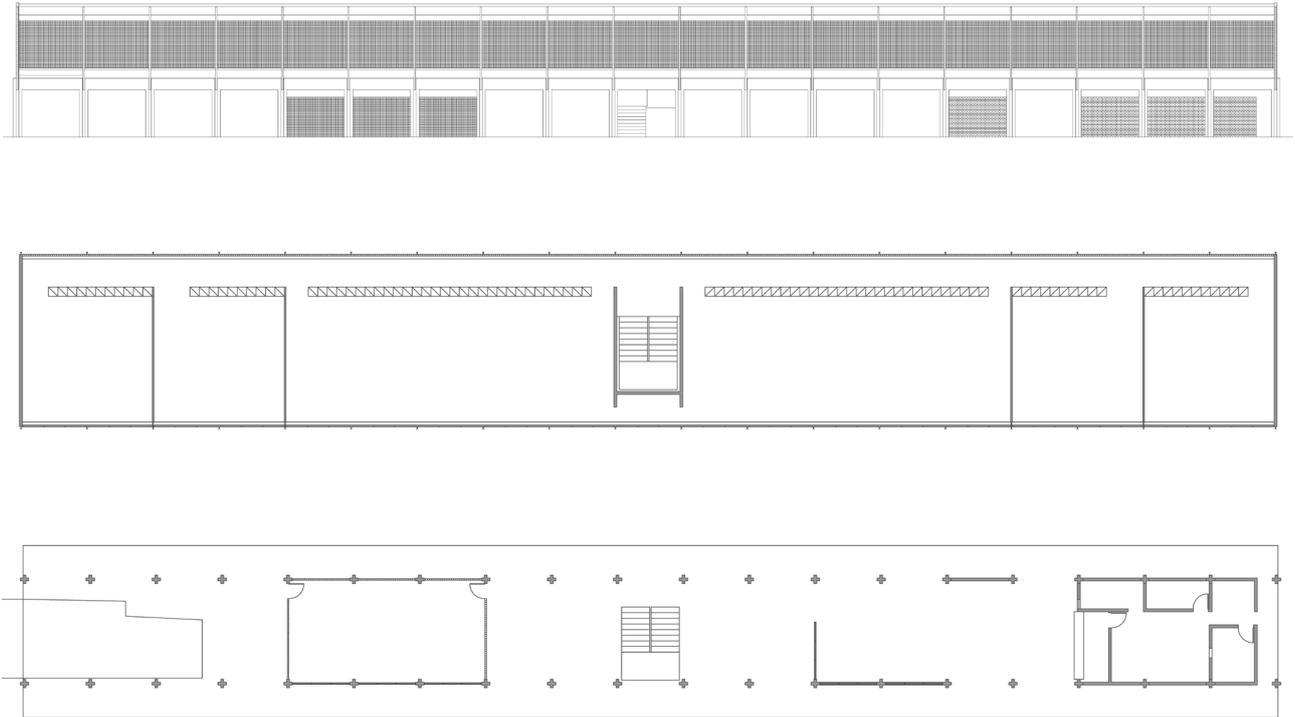


Figura 6 | Plantas e elevação do edifício  
Fonte: Jorge Luis Guarino Cardozo